

## **DOCÊNCIA E FORMAÇÃO: HISTÓRIAS DE VIDA DE ACADÊMICOS DE HISTÓRIA**

Bruna da Silva Cardoso<sup>1</sup>, Dernival Venâncio Ramos Júnior<sup>2</sup>, Rosária Helena Ruiz Nakashima<sup>3</sup>

### **RESUMO**

Este trabalho expressa os resultados e as reflexões empreendidas em uma pesquisa de iniciação científica, realizada entre 2014 e 2015, sobre histórias de vida de acadêmicos do curso de Licenciatura em História da Universidade Federal do Tocantins (UFT), Campus de Araguaína. Fizemos o uso da metodologia da História Oral e analisamos nos relatos qual a relação docência e formação para os sujeitos da pesquisa, identificando o perfil dos professores em formação inicial. A partir das análises dos relatos, concluímos que a escolha pela licenciatura ocorreu pelas condições financeiras e sociais em que se encontravam e se encontram os acadêmicos. Eles estabeleceram relações entre docência e formação e reconheceram a importância da profissão docente e do curso de História em suas vidas.

**Palavras-chave:** Histórias de vida; Docência; Formação Inicial.

## **TEACHING AND TRAINING: LIFE STORIES OF HISTORY ACADEMICS**

### **ABSTRACT**

This paper presents the results and reflections undertaken in a scientific initiation research, conducted between 2014 and 2015, about academic life stories of the History students from the Federal University of Tocantins (UFT), Campus of Araguaína. We made

---

<sup>1</sup> Mestre em Estudos de Cultura e Território (PPGCULT/UFT). Universidade Federal do Tocantins, Brasil. E-mail: [nhabrun Cardoso@hotmail.com](mailto:nhabrun Cardoso@hotmail.com)

<sup>2</sup> Doutor em História. Professor do Colegiado de História da UFT/Araguaína e do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Cultura e Território (PPGCULT/UFT). Universidade Federal do Tocantins, Brasil. E-mail: [dernivaljunior@gmail.com](mailto:dernivaljunior@gmail.com)

<sup>3</sup> Doutora em Educação. Professora do Colegiado de História da UFT/Araguaína e do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Cultura e Território (PPGCULT/UFT). Universidade Federal do Tocantins, Brasil. E-mail: [rosaria@mail.uft.edu.br](mailto:rosaria@mail.uft.edu.br)

use of the methodology of Oral History and analyze the reports which the relationship teaching and training for the research subjects, identifying the profile of teachers in initial training. From the analysis of the reports, we conclude that the choice of degree was the financial and social conditions in which they were and are academics; they established relations between teaching and training and recognized the importance of the teaching profession and the course of history in their lives.

**Keywords:** Life Stories; teaching; Initial formation.

## INTRODUÇÃO

Um dos aspectos importantes desta pesquisa foi ouvir os acadêmicos do curso de Licenciatura em História, do Campus de Araguaína, da Universidade Federal do Tocantins (UFT). Quais são suas representações da docência? Como esses futuros professores pensam a profissão para a qual se estão preparando? Essas foram algumas questões que nos motivaram a refletir sobre a profissão professor. Um dos objetivos da pesquisa foi problematizar a formação de professores na região norte do Brasil, do Estado do Tocantins, em particular do município de Araguaína.

Por meio da metodologia História Oral e da técnica de história de vida, fizemos entrevistas semiestruturadas com quatro alunos do curso de História. A proposta inicial foi entender o perfil dos acadêmicos do curso, suas origens, seus sonhos, suas reflexões sobre formação e seus objetivos como futuros professores. Os quatro relatos construídos por esses sujeitos, durante o processo da pesquisa, são ilustrações de como os universitários do curso de Licenciatura pensam a profissão docente e a própria História. Como estamos trabalhando com histórias de vida e formação de educadores, foi preciso levar em consideração a forma como os acadêmicos do curso de História significam suas vidas como universitários e qual o caminho percorrido para chegar ao ensino superior.

Eis algumas das questões que foram feitas aos entrevistados durante a pesquisa: Quais as principais lembranças sobre a infância? Qual a relação com a escola? A família incentivava os estudos? Qual a escolaridade da família? Quais foram as dificuldades

enfrentadas para estudar? Pensam os estudos como uma obrigação, uma necessidade ou como uma escolha? Como era a relação com os professores? Como ocorreu a escolha pelo curso de História? Como se observa como acadêmico do curso de Licenciatura em História numa universidade federal? Caso tivesse oportunidade, faria outra coisa? Qual a importância do reconhecimento para a profissão docente? O que um professor deve possuir para ser considerado um “bom professor”? Esses questionamentos foram feitos com o objetivo de compreender como os acadêmicos entendem sua formação, como futuros professores, a partir das narrativas de suas vidas.

Na região norte do Brasil a formação de professores ocorreu tardiamente em relação à região sul e a sudeste do país. Por esse motivo muitos profissionais da educação vieram de outros Estados para suprir a demanda da região do Estado recém-emancipado, o Tocantins. Silva (2011) expõe que a Faculdade de Ciências e Letras de Araguaína (FACILA), a primeira instituição de formação de professores de Araguaína, foi criada na década de 1980. Na década seguinte esta se tornou Universidade do Tocantins (UNITINS), e em 2003, foi federalizada, tornando-se a Universidade Federal do Tocantins (UFT). Essa instituição com diferentes denominações foi e é responsável pela formação de professores na região do norte do Estado do Tocantins.

A Universidade Federal do Tocantins (UFT) foi instituída em 23 de outubro de 2000, pela lei 10.032 e iniciou suas atividades em maio de 2003. Segundo Silva (2011), herdou os cursos da antiga Universidade do Tocantins (UNITINS) e, com a federalização, passou a funcionar no sistema *multicampi*. Com sede em Palmas, tem cursos funcionando em outros seis *campi*, a saber, Gurupi, Tocantinópolis, Arraias, Porto Nacional, Miracema e Araguaína, este último de onde estamos falando. Dentre os cursos que continuaram no campus de Araguaína, está o de Licenciatura em História, reestruturado em 2003, 2005 e 2009.

## **MATERIAIS E MÉTODOS**

A proposta dessa pesquisa foi analisar as narrativas de vida dos acadêmicos do curso de Licenciatura em História, a partir de entrevistas com esses sujeitos, por meio da metodologia da História Oral, fazendo uso do gravador e do termo de cessão, com

autorização dos entrevistados com vistas a seus relatos de vida. Optamos por realizar entrevistas com algumas perguntas, mas não controlando totalmente, deixando que o entrevistado falasse, já que o objetivo foi conhecer sua história de vida. Segundo Thompson (1992, p. 258),

O argumento em favor de uma entrevista completamente livre em seu fluir fica muito mais forte quando o seu principal objetivo não é a busca de informações ou evidência que valham por si mesmas, mas sim fazer um registro 'subjetivo' de como um homem, ou uma mulher, olha para trás e enxerga a própria vida, em sua totalidade ou em suas partes. Exatamente o modo como fala sobre ela, como a ordena, a que dá destaque, o que deixa de lado, as palavras que escolhe, é que são importantes para a compreensão de qualquer entrevista [...]. Assim, quanto menos seu testemunho for moldado pelas perguntas do entrevistador, melhor. Contudo, a entrevista completamente livre não pode existir. Apenas para começar, já é preciso estabelecer um contexto social, o objetivo deve ser explicado.

Para a realização das entrevistas foi preciso que os pesquisadores tivessem tempo disponível para ouvir os sujeitos da pesquisa e fazer o trabalho de campo comprometido. Segundo Thompson (1992), a História Oral não se resume apenas a ir ao encontro do entrevistado e fazer uma entrevista sem o mínimo de preparo prévio: cumpre selecionar os mesmos, esclarecer o objetivo da pesquisa e a sua importância. Além disso, foi necessário esclarecer as contribuições de cada história de vida para o andamento da pesquisa, procurando conquistar a confiança dos entrevistados para que eles relatassem o máximo de informações possíveis sobre suas vidas.

Também nos debruçamos sobre a literatura pertinente, lendo-a e fichando-a. Uma discussão importante encontrada foi sobre a profissionalização e formação docente, pelas quais os professores são investidos de um "importante poder simbólico" (NÓVOA, 1999).

Os professores encontram-se numa encruzilhada: os tempos são para refazer as identidades. A adesão a novos valores pode facilitar a redução das margens de ambiguidade que afetam hoje a profissão docente. E contribuir para que os professores voltem a se sentir bem na sua pele. (NÓVOA, 1999, p. 29).

Nóvoa destaca a importância da preocupação com a formação de professores em um momento em que a autoridade intelectual e a preparação profissional dos docentes estão sendo frequentemente questionadas. Assim como Candau (2014), que afirma estarem os professores no centro da problemática atual da Educação brasileira, isso porque a educação escolar está passando por uma crise. “Em uma época de crise generalizada, em que emergem novos paradigmas, tanto do ponto de vista político-social, como científico, cultural e ético, o sentido da educação precisa ser ressignificado” (CANDAU, 2014, p. 34). Isso justifica a importância de refletir-se e problematizar a formação de professores. Segundo Candau (2014), o educador deve ser um agente sócio-cultural,

Certamente ser professor hoje supõe assumir um processo de desnaturalização da profissão docente, do “ofício de professor” e ressignificar saberes, práticas, atitudes e compromissos cotidianos orientados à promoção de uma educação de qualidade social para todos. A crise da escola, na nossa perspectiva, é radical. Não se trata simplesmente de introduzir modificações cosméticas na sua dinâmica cotidiana. É a própria concepção da educação escolar que está em questão para que possa responder aos desafios da contemporaneidade. (CANDAU, 2014, p. 41).

Essa questão da ressignificação da profissão docente, da qual trata Candau (2014), nos convida a refletir como está sendo pensada a formação de professores na região norte do Estado do Tocantins, em especial os professores em formação da Universidade Federal do Tocantins (UFT).

Carlindo (2011) traz a questão da ascensão social proporcionada aos docentes por meio do curso superior. Ao analisar as histórias de vida de quatro professoras brasileiras, a autora pontuou como esse fato contribuiu para uma ascensão social e financeira das docentes em relação ao seu grupo familiar. Assim sendo, pudemos refletir o que significa estar em um curso superior para os acadêmicos do curso de História e o que mudou em suas vidas a partir do seu ingresso na universidade.

De acordo com Tardif (2011, p. 237), “os professores são sujeitos do conhecimento e possuem saberes específicos ao seu ofício”, ou seja: o seu trabalho, não “é somente um lugar de aplicação de saberes produzidos pelos outros, mas também um espaço de produção, de transformação e de mobilização de saberes que lhe são

próprios”. Nesse sentido, ao analisar as histórias de vida dos futuros professores de História, podemos repensar que profissionais estão sendo formados e refletir qual é o perfil de professores necessário para enfrentar os desafios da Contemporaneidade.

Charlot (1996) traz uma discussão interessante sobre a relação dos estudantes com o saber. Segundo ele, é preciso compreender o valor do saber para os sujeitos. De acordo com esse pesquisador, “hoje definimos a relação com o saber como uma ‘relação de sentido’, e portanto de valor, entre um indivíduo (ou um grupo) e os processos ou produtos do saber”. Em vista do exposto, podemos questionar-nos qual a relação dos entrevistados com o saber da universidade e especificamente do curso de História, levando em consideração que o valor do saber para os acadêmicos vem de seus processos de escolarização anteriores.

Os estudos de Candau (2014), Carlindo (2011), Charlot (1996) Nóvoa (1992, 1999) e Tardif (2011) se constituíram o horizonte interpretativo que contribuíram para o processo de situar as quatro narrativas de vidas analisadas, no âmbito das representações atuais sobre a profissão docente.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nesta seção são analisadas as histórias de vida de quatro acadêmicos do curso de Licenciatura em História da Universidade Federal do Tocantins, Câmpus de Araguaína: Jorge, Leandro, Bianca e Iara. Os nomes dos entrevistados foram mantidos, com suas autorizações, para que suas histórias de vida fossem visibilizadas.

*“Esse caminho que é o estudo”: a importância da família e da escolarização para os entrevistados*

Jorge, natural do Estado do Maranhão, com 21 anos de idade, mudou-se para Araguaína por causa do curso de História; trabalha durante o dia e estuda no período noturno. Segundo Jorge, as famílias dos acadêmicos do curso de História enxergam nos estudos uma forma de melhorar de vida, de ter um futuro melhor. Porque,

[...] pra gente modificar a vida [...] como é que fala uma ascensão [...] você tem que estudar [...] então eu vejo que pra mim ser diferente do

que meu pai é ou do que a minha mãe é, eu preciso estudar, há uma necessidade de tá estudando como uma forma de ascensão, entendeu? Aí dessa situação, não vejo muito como uma obrigação, mais uma necessidade, porque obrigação é quando você é obrigado mesmo e parece que não há uma outra saída, entendeu? Não, eu vejo como uma necessidade, ou você quer, se você quer mudar de situação, você tem essa estrada, esse caminho que é o estudo, no meu caso é isso. (Jorge).

No trecho acima Jorge destacou a importância que atribuí aos estudos, para não passar pelas mesmas dificuldades que os seus pais passaram. Nesse sentido, essa questão vai ao encontro do que Carlindo (2011) discute em seu trabalho, isto é, é possível observar que a presença no curso superior significa “uma elevação no nível de escolarização” dos acadêmicos em relação aos seus pais e avós.

Desse modo, podemos entender o porquê da importância atribuída à escolarização por aqueles que dela não puderam participar e a crença no fato de que suas filhas poderiam galgar melhores condições de vida com a conquista de algum tipo de titulação acadêmica. O exercício do magistério surge como a primeira e a única possibilidade de ascensão social capaz de lhe possibilitar, com rapidez, melhores condições de vida do que as de seus pais e avós. Ressaltamos ainda que, apesar das poucas oportunidades escolares existentes na época de escolarização de seus avós e pais, ao acesso à educação escolarizada, à incorporada de capital econômico e à aquisição de conhecimentos escolares por parte das professoras. (CARLINDO, 2011, p. 85).

Essa discussão corrobora com a problematização de Vianna (2005) ao se preocupar com a participação das famílias na escolarização dos filhos. Segundo ela, nas famílias populares, “a escola torna-se questão de toda a família” (p.110). E para entender por que “os estudos” são importantes para os pais dos estudantes que, mesmo sem escolaridade, desejam que seus filhos obtenham sucesso, é preciso compreender as motivações desse incentivo.

O segundo entrevistado foi Leandro. Nasceu em Wanderlândia, Estado do Tocantins. Atualmente está com 26 anos e é bolsista do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (Pibid). Nasceu e estudou até a quarta série na zona rural até se mudar para a cidade. Relatou o incentivo de seu pai para com os estudos,

[...] ele sempre incentivou sim, ele sempre falou que era pra mim estudar que era pra mim não passar por toda dificuldade que ele passou na vida dele devido a falta de estudos. Ter que trabalhar pros outros, ser praticamente um semiescravo digamos assim porque ele era obrigado a se submeter a tantos trabalhos, assim, devido ele não ter estudado não tinha condição de ele arrumar outro emprego noutra área a até hoje eu acho que o meu pai sofre muito nesse sentido. Porque hoje em dia pra gente conseguir algo melhor é necessário que a gente tenha no mínimo ler e nesse sentido meus pais sempre me incentivou a frequentar a escola, aproveitar o máximo para eu não passar por tudo aquilo que ele passou. (Leandro).

Ao narrar o incentivo de seu pai em relação aos estudos, Leandro demonstrou a importância de estudar para melhorar as condições de vida. Isso nos leva a entender o “porque da importância atribuída à escolarização por aqueles que dela não puderam participar” (CARLINDO, 2011, p. 85), como o pai do entrevistado, por meio dos incentivos para que o filho estudasse, ressaltando a importância da escolarização. Como destaca Carlindo (2011), a família visa o acesso a escola para que seus filhos tenham status social e adquiram o capital cultural que no meio familiar não puderam ter, justamente pela falta de acesso a escola por parte dos pais.

Novamente percebemos que a presença da família é forte no sentido de incentivar o filho para que estudasse. A “falta de estudos” traz à tona muitas lembranças familiares de dificuldades, “ele sempre falou que era pra mim [sic] estudar, que era pra mim [sic] não passar por toda dificuldade que ele passou na vida”. (Leandro). Nesse sentido, “a demanda familiar se torna vontade pessoal de sucesso, mobilização em relação à escola” (CHARLOT, 1996, p. 57).

Em seguida, a acadêmica Iara, oriunda de Ananás-TO. Assim como os demais entrevistados, também dispôs do incentivo dos pais para estudar, pois a sua família não teve a oportunidade de ter acesso aos “estudos”. Ela destacou a importância de estar cursando o ensino superior,

[...] mas da minha família a única que vai ter sou eu, eu sou a primeira neta a terminar os estudos, eu sou a neta mais velha né, terminei os estudos, terminei com dezessete anos e vou ser a única também a terminar a faculdade, vou ser a primeira. (Iara).



Novamente se faz presente a importância que os pais atribuem em relação aos “estudos”, principalmente porque não tiveram a oportunidade de ter acesso à escolarização, “sendo assim, a atuação familiar na constituição da personalidade daqueles que estão sob a sua responsabilidade é fortemente marcada por componentes emocionais, sociais e ideológicos [...]” (CARLINDO, 2011, p.85-86).

A última entrevistada foi Bianca, natural de Carolina, Estado do Maranhão. Aos 22 anos, cursa Licenciatura Plena em História na UFT; já foi bolsista do Pibid, trabalhou no programa Mais Educação em um colégio estadual em Araguaína e foi Bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC). Segundo seu depoimento sempre teve o apoio da família para estudar. A partir do curso de História Bianca relatou que

Vejo uma Bianca mais crítica assim, mais instigada [...] eu me sinto lisonjeada porque não é qualquer um que tá pesquisando, que tem a possibilidade de ter uma bolsa, que tá fazendo faculdade federal, que tem várias oportunidades, não é qualquer um, eu me sinto muito satisfeita por isso porque eu vejo muitas pessoas por aí que fazem faculdade particular qualquer, pagam todo dia, não tem assim um conhecimento como a gente, que não tem tantas oportunidades que a universidade nos dá. (Bianca).

Para entender o que a categoria “estudos”, que se apresenta no decorrer dos relatos dos acadêmicos do curso de História, precisamos compreender a relação dos estudantes e das famílias das classes populares com o saber. Charlot (1996, p. 47) nos convida a refletir sobre o significado que a escola tem para os alunos. Ele diz: “os jovens dos meios populares pensam a escola em termos de futuro mais do que de saber”. Observamos que as famílias dos entrevistados não possuíam um projeto de escolarização, como destaca Vianna (2005), mas desejavam que os filhos estudassem para ter um futuro melhor: “se você quer mudar de situação, você tem essa estrada, esse caminho que é o estudo” (Jorge). Para Charlot (1996), a escola é o lugar que permite o acesso aos “estudos”, a uma “boa profissão” e uma “boa situação social”.

*O curso de História*

Outro ponto importante da pesquisa se refere à importância do curso de História para a formação dos estudantes universitários, conforme expressou Jorge em sua narrativa:

Eu me vejo assim num patamar bem legal sabe. Eu vejo que o curso ele é legal porque ele vai te dá visões de vida, visões do social, do cotidiano, você vê uma ideia política você já sabe pensar um pouco à frente das pessoas que não se envolvem, das pessoas que não tem uma visão histórica das coisas, que não leem, e pra mim é muito importante, tanto no que diz respeito a ascensão social. Existe uma certa ascensão intelectual, eu percebo que você tá num lugar que você vai conversar com pessoas que só chegaram até o ensino médio [...] você tem facilidade porque aqui dentro da universidade é ensinado a conversar com todos os povos, não ter preconceito, a desenvolver uma mente mais aberta, a discutir as ideias [...] você sabe conversar, você sabe desenvolver uma ideia, você sabe cobrar, no trabalho você não é tão escravo do seu patrão, você não é tão escravo dos seus colegas de trabalho, você sabe discutir, você sabe ver onde que você tá certo. (Jorge).

Leandro também destacou sua visão sobre o curso de História:

A importância de fazer o curso de História é que a gente passa a entender melhor a sociedade que a gente é inserido, eu acho que a História proporciona isso, passa a entender certas coisas que acontece na sociedade [...] Saber questionar as coisas, entender porque que algumas coisas acontecem hoje né que são fruto ou reflexo de atitudes passadas, eu acho que o curso ele te dá uma certa capacidade de tu analisar tanto o passado como o presente com a sociedade que tu tá inserido. (Leandro).

Iara expressou sua impressão sobre estar cursando História na UFT. Disse: “eu acho assim que a História, o curso de História, pra mim, tá me tornando mais humana”.

[...] é uma sensação de muita felicidade, é, porque quando você fala que tá dentro de uma federal, todo mundo, querendo ou não todo mundo te olha diferente, as pessoas até acham que você é muito inteligente né, coisa que eu ainda não sou. Só que eu ainda me sinto muito insegura sobre a questão assim do conteúdo, se eu vou ter realmente o domínio dos conteúdos, eu ainda sinto esse medo, eu ainda não me sinto totalmente segura dentro da faculdade né porque me bate um medo, mas eu não quero fazer essa faculdade de qualquer jeito, só que hoje o sentimento que eu tenho é de muita alegria e eu me sinto mesmo sem eu ter terminado o curso de História uma

vencedora porque a minha família é pobre, ninguém tem estudo, ninguém, ninguém mesmo. Então pra todo mundo assim eu sou orgulho e eu sinto orgulho, apesar que ainda eu não terminei, mas esse mérito eu não tiro de mim. (lara).

Percebemos que a experiência de estar cursando o nível superior em História modifica posturas em relação ao mundo e às pessoas e acaba por criar uma diferenciação com os que não têm essa oportunidade, como descreveram os entrevistados. De acordo com Carlindo (2011), nota-se uma preocupação com a aquisição de capital cultural nessas narrativas. Há que lembrar que estamos trabalhando com acadêmicos do curso de licenciatura em História, que estão com a sua formação em curso e, como afirma Nóvoa (1999), ainda estão em processo de construção de sua identidade como professor.

Para os acadêmicos entrevistados, a universidade é um lócus acadêmico que os diferencia. Sentem-se vencedores por estarem cursando uma universidade federal e usufruir do que esta disponibiliza para a formação dos estudantes. Um exemplo é o caso da acadêmica Bianca, ao enfatizar a importância das bolsas de pesquisa que possibilitam aos estudantes o contato com o trabalho de pesquisador. Essa questão deve ser vista com atenção porque, como expõe Tardif (2011), o professor também tem que produzir conhecimento e não apenas reproduzir esses conhecimentos, tanto que, segundo esse autor, a educação só vai passar por um processo de mudança efetivo quando não houver mais separação entre os “professores de profissão” e os professores universitários.

[...] se o trabalho dos professores exige conhecimentos específicos a sua profissão e dela oriundos, então a formação de professores deveria, em boa parte, basear-se nesses conhecimentos. Mais uma vez, é estranho que a formação de professores tenha sido e ainda seja bastante dominada por conteúdos e lógicas disciplinares, e não profissionais. Na formação de professores, ensinam-se teorias sociológicas, docimológicas, psicológicas, didáticas, filosóficas, históricas, pedagógicas, etc., que foram concebidas a maioria das vezes, sem nenhum tipo de relação com o ensino nem com as realidades cotidianas do ofício do professor. Além do mais, essas teorias são muitas vezes pregadas por professores que nunca colocaram os pés numa escola ou, o que é ainda pior, que não demonstram interesse pelas realidades escolares e pedagógicas, as quais consideram demasiado triviais ou demasiado técnicas. Assim, é normal que as teorias e aqueles que as professam não tenham, para os futuros professores e para os professores de profissão, nenhuma

eficácia, nem valor simbólico e prático. No entanto, se quero saber como realizar um trabalho qualquer, o procedimento mais normal consiste em aprendê-lo com aqueles que efetuam o trabalho. Porque seria diferente no caso do magistério? Somos obrigados a concluir que o principal desafio para a formação de professores, nos próximos anos, será o de abrir um espaço maior para os conhecimentos dos práticos dentro do próprio currículo. (TARDIF, 2011, p. 241).

Candau (2014, p. 41), ao se referir aos professores, destaca que

Certamente ser professor hoje supõe assumir um processo de desnaturalização da profissão docente, do ofício do professor e ressignificar saberes, práticas, atitudes e compromissos cotidianos orientados a promoção de uma educação de qualidade social para todos.

O que dialoga com esta pesquisa a proposta de questões como: Que professores estamos formando? E, para além disso, que professores queremos formar? O professor hoje dever saber observa a diversidade do mundo, pois as salas de aulas são heterogêneas. Mas para isso, ele também deve ter acesso a uma formação de qualidade, a fim de que possa desconstruir muitas práticas naturalizadas presentes na Educação. Para isso, nesta pesquisa, propomos uma reflexão sobre a formação de professores a partir das narrativas de professores em formação inicial.

### *O professor*

Os entrevistados também relataram sobre o que pensam sobre o ser professor. O acadêmico Jorge nos disse:

Quando eu penso em professor eu penso em formador de opinião, é uma pessoa responsável por trabalhar com outras pessoas, crianças adolescentes, adultos no caso [...] então eu vejo o professor como formador de opinião por isso que é uma profissão tão importante que no Brasil deveria no caso ser mais valorizada. Porque o professor ele está à frente de toda uma sociedade, ele vai cuidar de pessoas que vão pra outras profissões, que vão ser médicos, advogados, toda profissão precisa passar pelo professor, eu vejo o professor como um ser muito importante dentro de qualquer sociedade porque vai mostrar o conhecimento, vai desenvolver conhecimento, vai construir conhecimento. (Jorge).

O universitário Jorge relatou que o professor é alguém que possui certo conhecimento e que, por isso, se torna um “formador de opinião”. Pelo exposto, podemos remeter-nos a Tardif (2011) que discute os saberes docentes. Segundo ele,

Antes mesmo de ensinarem, os futuros professores vivem em salas de aula nas escolas e, portanto, em seu futuro local de trabalho, durante aproximadamente 16 anos (ou seja, em torno de 15.000 horas). Ora, tal imersão é necessariamente formadora, pois leva os futuros professores a adquirirem crenças, representações e certezas sobre a prática do ofício de professor, bem como sobre o que é ser aluno. Em suma, antes mesmo de começarem a ensinar oficialmente, os professores já sabem, de muitas maneiras, o que é ensino por causa de toda a sua carreira escolar anterior. Além disso, muitas pesquisas mostram que esse saber herdado da experiência escolar anterior é muito forte, que ele persiste através do tempo, e que a formação universitária não consegue transformá-lo nem mesmo abalá-lo (p. 20).

Então, podemos entender, a partir das narrativas de vida de cada um dos entrevistados, que os saberes adquiridos por eles durante a vida escolar e universitária são influenciadores para o exercício futuro da docência.

Segundo Bianca, um bom professor é “aquele que saiba dar a sua aula de forma que o aluno entenda e que instigue o aluno a pensar fora da sala de aula (...) que entenda o contexto do aluno e que saiba conversar, que não seja ditador, que goste da profissão”. Para ela, Bianca o professor “é uma figura de respeito”. Ser um bom professor “é formar pessoas (...) já pensou você ver a pessoa que você educou lá em cima, se dando bem, tá numa faculdade, isso deve ser muito bom”.

Nos relatos dos acadêmicos foram notadas as mudanças proporcionadas pelo curso, isto é, os saberes adquiridos durante a graduação podem ser entendidos como o início da profissionalização docente dos futuros professores. De acordo com Tardif (2011), a graduação e os conhecimentos contidos nela podem ser vistos como saberes docentes, interpretados por cada acadêmico de maneira diferente, o que nos remete à subjetividade de cada professor.

Os cursos de formação para o magistério são globalmente idealizados segundo um modelo aplicacionista do conhecimento: os alunos passam um certo número de anos a assistir as aulas baseadas em

disciplinas e constituídas de conhecimentos proposicionais. Em seguida, ou durante essas aulas, eles vão estagiar para “aplicarem” esses conhecimentos. Enfim, quando a formação termina, eles começam a trabalhar sozinhos, aprendendo seu ofício na prática e constatando, na maioria das vezes, que esses conhecimentos proposicionais não se aplicam bem na ação cotidiana. (WIDEEN et al., 1998 apud TARDIF, 2011, p. 270).

Nesta investigação, foi possível pensar-se em um declínio desse modelo de ensino em que os saberes se desvinculam do cotidiano, pois, a partir das narrativas dos acadêmicos, os conhecimentos do curso estão sendo significativos. Asaber: “eu vejo que o curso ele é legal porque ele vai te dá visões de vida, visões do social, do cotidiano (Jorge); “eu percebo que o curso de História faz isso, deixa as pessoas mais humanas” (Iara); “Dá suporte para a gente entender um pouco a sociedade” (Leandro); “Vejo uma Bianca mais crítica sim, mais instigada” (Bianca). Então, surge a hipótese de que esses futuros professores serão profissionais que se preocuparão com o processo de construção significativa de conhecimentos.

Os acadêmicos ressaltaram a importância do curso para a modificação do olhar sobre o outro que, como nos pontua Candau (2014), é a forma como situamos o outro, mas as escolas adotam uma perspectiva etnocêntrica. Como destaca a autora: “os outros, os diferentes, muitas vezes estão perto de nós, e mesmo dentro de nós, mas não costumamos vê-los, valorizá-los e interagir com eles” (p. 40). E isso é o que mais ocorre dentro das salas de aula: o não reconhecimento dos valores dos outros, sua inferiorização a partir dos nossos valores. Sob esse fundamento, como discute Candau (2014, p. 34), é preciso ressignificar o sentido da educação; do professor como “agente sociocultural” para enfrentar esse “crescente mal-estar entre os profissionais da educação”.

*“Eu não quero ser só mais um professor”: expectativas sobre a profissão docente*

Levando em consideração a problemática atual da Educação brasileira, de acordo com Candau (2014), pesquisar sobre a formação inicial de professores é de suma importância, pois a autora chama a atenção para as condições “precárias”, a “crise” entre os profissionais da educação. Pensando nessa e em várias outras questões, ouvir

o que os acadêmicos de licenciatura têm a dizer é de grande relevância, tendo em vista que serão os futuros professores. Serão eles os responsáveis por “reencantar a escola”, escola essa que não consegue atender às demandas do contexto atual, que ainda está voltada para a formação do “sujeito moderno”. Nesse sentido Candau (2014) destaca que

A escola, tal como a vivenciamos na atualidade, é certamente uma das instituições mais representativas da modernidade. Tem como horizonte de sentido a formação do sujeito moderno, que disponha das habilidades cognitivas e éticas necessárias ao exercício de uma cidadania democrática. Para tal, encara os sujeitos da educação como iguais e chamados a adquirir uma cultura comum, fortemente valorizada para a construção de uma identidade nacional. (CANDAU, 2014. P. 35).

Assim sendo, questionamos os entrevistados sobre suas expectativas em relação a profissão docente.

[...] eu não quero ser só mais um professor, futuramente eu posso ser corrompido, ou eu mudo o mundo ou ele muda a gente, mas eu acho que eu quero contribuir, eu quero ser um bom professor, apesar de todo caos eu ainda acredito na educação, eu acho que é o único meio, o meio mais viável, apesar de toda essa utopia é o meio mais viável que a gente tem ainda para a gente mudar a nossa sociedade como um todo, não só a educação, não é só a educação que tá um caos, as outras áreas também não tão fáceis, como um todo a desvalorização e tal. Mas eu quero ser um bom professor que vai contribuir, como diz o ditado eu não quero ser mais uma árvore, eu quero ser uma árvore diferente que vai mudar a paisagem. (Leandro).

E eu vejo assim que as minhas perspectivas enquanto professor é que eu vou enfrentar problemas entendeu? Mais eu estou ciente disso, mais eu vou preparado, eu não vou fantasiando nada (Jorge).

Diz-nos que Tardif (2011) a formação inicial dos professores marca o início de sua profissionalização e de construção de sua identidade profissional que ocorre por meio da aquisição dos saberes teóricos e práticos da profissão. De acordo com D’villa (2007, p. 232), é na formação inicial que

[...] as projeções pessoais pela profissão a partir de uma identificação com os membros que pertencem a um 'grupo de referência', o que inclui a imagem de si, apreciação de suas próprias capacidades, realizações de desejos, choques, frustrações, projeções para o futuro profissional etc. No caso da formação inicial para a docência são os mestres/professores, essa referência. Uma referência antecipada que pode nascer desde a mais tenra idade em modelos de professores da infância. Convém assinalar, que tal processo não se encerra aí – será regularmente confrontado com as transformações tecnológicas, organizacionais e políticas, implicando sempre em projeções para o futuro. Assim, essa primeira identidade profissional está marcada pela incerteza [...].

Durante o processo de formação inicial do futuro professor essas referências podem fortalecer-se, mas também podem ser transformadas pelas discussões e experiências advindas da formação superior. Dessa forma, percebemos que as expectativas de futuro em relação a profissão docente são marcadas pelos referenciais de profissão com os quais tiveram contato durante a trajetória escolar e pessoal e, podemos dizer, pelo tempo na universidade. O que podemos destacar é que os acadêmicos entrevistados se mostraram interessados em exercer a profissão, mesmo dificuldades.

## CONCLUSÃO

A partir das histórias de vida dos acadêmicos analisadas, podemos destacar algumas contribuições desta pesquisa para a formação inicial de professores. O que percebemos é que a forma como os acadêmicos significam a formação foge, de certa forma, do caráter "homogeneizador" da Educação. Nos relatos dos acadêmicos foram identificadas mudanças proporcionadas pelo curso de História, contribuindo para a um outro olhar sobre o outro.

As narrativas aqui apresentadas nos mostraram que a formação do curso de História está construindo a representação do professor como um sujeito sócio-cultural, tendo em vista que modifica a forma como se enxerga o outro, "ensina a conversar com outros povos", como afirmou um dos acadêmicos.

Os sujeitos dessa pesquisa atribuíram grande importância ao curso de História, ao expressarem que se sentem num lugar privilegiado; afinal, de acordo com o último



Censo da Educação Superior (2013), são 1.932.527 estudantes matriculados em instituições públicas<sup>4</sup>, ou seja: aproximadamente 1% da população brasileira. Além disso, estar em um curso superior, em uma universidade federal, não foi realidade conhecida pelos familiares dos participantes da pesquisa.

Ao reconhecer a complexidade dos fenômenos educativos, esta investigação não teve a pretensão de esgotar o assunto, mas, sim, lançar luzes na discussão sobre a importância das histórias de vida dos acadêmicos de UFT de História, para compreender quem são esses sujeitos. Como vivem dentro e fora do contexto universitário?; quanto estão implicados em seu processo de formação como futuros docentes? Essas histórias de vida nos expressaram como as questões familiares influenciaram em suas escolhas profissionais, isto é, percebemos que a escolha pela licenciatura ocorreu pelas condições financeiras e sociais em que se encontravam. Além disso, esta pesquisa buscou trazer contribuições ao destacar a importância de compreender as lógicas do saber, isto é, nos relatos dos acadêmicos ficou evidente o valor dado ao curso de História e seus reflexos na construção das visões dos pesquisados sobre a docência.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. **Censo da Educação Superior 2013**: Resumo Técnico. Brasília, 2013.

CANDAU, V. M. F. Ser professor/a hoje: novos confrontos entre saberes, culturas e práticas. **Educação**, Porto Alegre, v.37, n.1, p. 33-44, jan/abr. 2014.

CARLINDO, E. P. **Professoras Brasileiras**: o imprescindível investimento em aquisição de capital cultural. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2011.

CHARLOT, B. Relação com o saber e com a escola entre estudantes de periferia. Tradução Neide Luzia de Rezende. **Cad. Pesquisa**. São Paulo, n.97, p. 47-63, maio 1996.

---

<sup>4</sup>BRASIL. Ministério da Educação. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. *Censo da Educação Superior 2013*: Resumo Técnico. Brasília, 2013.

D’VILLA, M. C. Universidade e formação de professores: qual o peso da formação inicial sobre a construção da identidade profissional docente? In: NASCIMENTO, A. D.; HETKOWSKI, T. M. **Memória e Formação de Professores**. Salvador: EDUFBA, 2007. p. 219-240.

NÓVOA, A. (org.). **Profissão Professor**. 2ª ed. Portugal: Porto Editora, 1999.

SILVA, N. L. **Institucionalização do Ensino Superior de História e profissionalização Docente no Interior do Brasil- Araguaína, To (1985-2002)**. Rio de Janeiro: UFRJ/Eficaz, 2011.

TARDIF, M. **Saberes docentes e formação profissional**. 12 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

THOMPSON, P. **A voz do passado: História Oral**. Tradução Lólio Lourenço de Oliveira. 3ªed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

VIANNA, M. J. B. As Práticas Socializadoras Familiares como Locus de Constituição de Disposições Facilitadoras De Longevidade Escolar Em Meios Populares. **Educ. Soc.**, Campinas, vol. 26, n. 90, p. 107-125, Jan./Abr. 2005.

### **Fontes Primárias**

ARAGÃO, B. O. Entrevistadora: Bruna da Silva Cardoso. Araguaína-TO, dezembro, 2014.

CARMO, J. L. A. Entrevistadora: Bruna da Silva Cardoso. Araguaína-TO, outubro, 2014.

REIS, L. A. Entrevistadora: Bruna da Silva Cardoso. Araguaína-TO, outubro, 2014.

SOARES, I. L. F. Entrevistadora: Bruna da Silva Cardoso. Araguaína-TO, novembro, 2014.